

LUCRÉCIO E O *DE RERUM NATURA*

José Carlos Silva de Almeida

Doutor em Filosofia pela Pontificia Università Antonianum

Professor do Curso de Filosofia da UFC

jcdafilosofia@hotmail.com

Resumo

O presente texto apresenta inicialmente a vida do poeta latino Lucrecio e, em seguida, a estrutura do poema didascálico *De rerum natura* e os assuntos que são desenvolvidos em cada um dos seis livros do poema, cujo objetivo é, seguindo os ensinamentos de Epicuro, emancipar os seres humanos do medo dos deuses e da morte e proporcionar-lhes uma vida feliz.

Palavras-chave: Lucrecio. *De rerum natura*. Epicuro. Emancipação. Felicidade.

Abstract

This text presents initially the life of the Latin poet Lucretius and then the structure of the didascalical poem *De rerum natura* and the subjects that are developed in each of the six books of the poem, whose purpose, following the teachings of Epicurus, is to emancipate human beings from the fear of the gods and death and provide them with a happy life.

Keywords: Lucretius. *De rerum natura*. Epicurus. Emancipation. Happiness.

As informações sobre a vida de Tito Lucrecio Caro são poucas e controversas: nada sabemos sobre o local do seu nascimento e sobre o seu ambiente formativo, nem encontramos dados que nos auxiliem no interior de sua obra, o poema *De rerum natura*, tanto que podemos afirmar que talvez ele, epicurista, se “esconde” dentro do texto, em conformidade com o preceito de Epicuro: vive escondido (*lathé biôsas*).

A nossa fonte mais importante sobre a vida do poeta é Jerônimo de Estridão (347-419 d.C.), que traduziu o *Chronicon* de Eusébio de Cesaréia (260-339 d.C.), incorporando ao texto informações sobre vários autores latinos extraídas do *De poetis* de Suetônio que no ano da 171ª Olimpíada, isto é, no ano 94-93 a.C., anota: “Nasce o poeta Tito Lucrecio. Mais tarde ele ficou louco sob efeito de uma poção de amor, mas

Rev. Helius	Sobral	v. 2	n. 2	p. 251-270	jul./dez. 2019
-------------	--------	------	------	------------	----------------

nos intervalos da loucura ele compôs alguns livros, que Cícero editou posteriormente. Ele se matou quando tinha 44 anos de idade”¹ (JEROME OF STRIDON, 2005, p. 233, tradução nossa). Assim, a data da morte do poeta se coloca ao redor do ano 50 a.C.

É possível que a informação sobre a “loucura” do poeta, nascida em um ambiente cristão do século IV, se refira não a uma loucura no sentido de uma patologia, mas sim a sua loucura filosófica materialista, negadora da imortalidade da alma.

O silêncio das fontes e o retrato apresentado por Jerônimo contribuíram decisivamente para a difusão da imagem de um poeta solitário, angustiado e maldito tanto na literatura quanto na crítica moderna (Bórgia e Petrarca). É certo que não se pode negar a insistência de Lucrécio sobre apavorantes imagens de destruição e de morte, unidas a um oposto reconhecimento da majestade e da infinita beleza da natureza: basta observar o exórdio do luminoso Hino a Vênus no primeiro livro e a peste de Atenas no final da obra. Porém, o seu potente realismo, ao colher o desfazer corpóreo, do microcosmo e do macrocosmo, do ser humano e do universo, responde a uma necessidade terapêutica, inscrita no gênero didascálico da obra: Lucrécio conduz seu leitor a confrontar-se com a fisicalidade da morte ao trazer à luz os seus piores medos, a fim de poder dominá-los com a força iluminadora da razão.

O envolvimento de Lucrécio com a vida cultural e social de Roma encontra confirmação indireta na dedicatória da obra a Caio Mêmio, o mesmo que, na qualidade de pretor, trouxe consigo para a Bitínia (56-57 a.C.) um grupo de intelectuais, entre os quais se encontrava Catulo e Cina, oradores e amantes da

1 “*Titus Lucretius poeta nascitur, qui postea amatorio poculo in furorem versus, cum aliquot libros per intervalla insaniae conscripsisset, quos postea Cicero emendavit, propria se manu interfecit anno aetatis XLIV.*” (JEROME OF STRIDON, 2005, p. 233).

literatura grega. Nos livros I, II e V, talvez os mais antigos, Lucrécio invoca o destinatário nove vezes, mas nos livros restantes a sua figura desaparece, talvez pela ruína política de Mêmio, acusado de intriga e que se auto-exilou em Atenas no ano 52 a.C.

A dedicatória não responde, portanto, a uma pura convenção literária, mas o poeta se dirige a Mêmio com a ânsia do docente que deseja levá-lo a superar a desconfiança em relação ao epicurismo e a convertê-lo. Lucrécio lhe apresenta seus ensinamentos filosóficos como sendo “presentes”, não fins em si mesmo, mas destinados a proporcionar uma vantagem real: “Ora agora presta ouvidos disponíveis e um espírito sagaz, desprovido de preocupações, à doutrina verdadeira, para não desperdiçares desdenhosamente a minha dádiva para ti preparada com amorosa dedicação².”

Para Lucrécio o epicurismo foi uma experiência de vida completa e ele quis se fazer porta-voz de tal ensinamento: a natureza, as suas leis, a formação dos mundos, o perpétuo movimento dos átomos, o nascimento e a morte das coisas, os fenômenos do céu e da terra, o ser humano (parte da natureza, mas dotado de racionalidade), a exaltação da paz e da fraternidade humana, inspiraram a composição do *De rerum natura*, cujo título retoma aquele da obra mais vasta de Epicuro, o *Perì physeos*, hoje perdido.

O poema é composto de seis livros e é articulado em três pares fortemente conexos entre eles (díades): os livros ímpares contêm as premissas teóricas para a compreensão dos fenômenos que são tratados nos livros pares imediatamente subsequentes. A primeira díade é dedicada aos átomos, à física (I-II); a segunda à

2 LUCRÉCIO, 2015, p. 21 [*De rerum natura*, I, 50-53]. Doravante mencionaremos o título da obra lucreciana com as iniciais *DRN*. As citações do poema seguem a tradução portuguesa de Luís Manuel Gaspar Cerqueira pela editora Relógio D'Água (LUCRÉCIO, 2015).

alma, à antropologia (III-IV), a terceira ao mundo, à cosmologia (V-VI). Por sua vez cada livro abrange um próêmio, uma transição (que retoma o argumento abordado anteriormente), a abordagem específica do assunto e um final. Todos os livros ímpares assim como o último (I, III, V, VI) contêm uma celebração dos méritos de Epicuro.

O poema não teve uma última revisão da parte do autor, como demonstram as repetições e incongruências no texto. Em particular, falta a abordagem sobre a substância dos deuses e das suas moradas, previamente anunciadas pelo próprio poeta³, razão pela qual se pensou que esse deveria ser o verdadeiro fim sereno, em correspondência com o alegre exórdio do Hino a Vênus e não com o sombrio final da peste de Atenas. Ainda que seja uma obra incompleta, parece provável que Lucrécio queira contrapor o hino inicial à vida com o conclusivo triunfo da morte a fim de demonstrar a inconciliabilidade entre eles. Guiado pelo seu mestre Epicuro, Lucrécio se convence na primeira díade que todo o mundo obedece às leis da natureza; na segunda que nada deve ser temido; na terceira, com um clímax ascendente, que deve compreender que nem mesmo os eventos extraordinários, cataclismos e catástrofes cósmicas ou humanas devem ser para ele fonte de temor. Aquele que souber permanecer sem perturbação diante das apavorantes visões do último livro terá então aprendido as lições de Epicuro.

O primeiro dos seis livros do poema *De rerum natura* de Lucrécio começa com o célebre “Hino a Vênus”, a deusa que é, ao mesmo tempo, a progenitora dos romanos e do prazer universal.

Dos Enéadas progenitora, prazer dos homens e dos deuses, alma Vênus, tu

3 Cf. LUCRÉCIO, 2015, p. 275 [DRN, V, 155].

que sobre os deslizantes astros do céu enches o mar portador de navios, enches de vida as terras de searas produtoras, porque graças a ti é concebido todo o gênero de seres vivos e contempla, quando, nasce, a luz do sol, diante de ti, ó deusa, fogem os ventos, à tua chegada afastam-se as nuvens do céu, para ti a terra operosa faz despontar suaves flores, para ti sorriem as extensões do mar e o céu pacificado brilha com luz radiosa (LUCRÉCIO, 2015, p. 19 [DRN, I, 1-9]).

O poeta invoca a deusa Vênus a fim de ajudá-lo na exposição da doutrina de Epicuro e para que abrande o deus Marte, parando as atrocidades da guerra, com provável alusão aos conflitos internos em Roma, naquela época: os tumultos de Catilina, a ação política violenta de Clódio e os conflitos civis.

Porque tu és a única que governa a natureza das coisas, para o nosso descendente de Mêmio, que tu, ó deusa, quiseste que se salientasse em todas as ocasiões, adornando-o com todos os atributos. Por isso, ó deusa, tanto mais concede um eterno encanto ao que vou dizer, faz que sosseguem entretanto os ferozes trabalhos bélicos, repousem adormecidos por todos os mares e terras. Na verdade, só tu podes ajudar os mortais com tranquila paz, porque Marte, senhor das armas, que governa os ferozes trabalhos de guerra, se abandona muitas vezes no teu regaço, dominado pela ferida eterna do amor, e assim, olhando para cima, com o pescoço bem torneado em abandono, alimenta de amor os seus olhos ávidos, ansiando por ti, ó deusa, estendido de costas e com a respiração suspensa da tua boca. Inclina-te para ele, que descansa sobre o teu corpo sagrado, e derrama, ó deusa, da tua boca palavras suaves, pedindo, ó gloriosa, a paz para os Romanos. Na verdade, nem eu sou capaz de realizar esta tarefa com espírito sereno nesta era turbulenta para a pátria, nem a ilustre estirpe de Mêmio pode faltar à salvação comum numa situação destas (*Ibidem*, pp. 19, 21 [DRN, I, 23-42]).

As interpretações propostas para o hino colocam em evidência diversos aspectos: a invocação – costumeira ao início de um poema épico – celebra a deusa que é por excelência depositária da paz (valor essencial da filosofia epicurista), símbolo do prazer (*voluptas*) como aspiração filosófica, personificação da força fecundante da natureza e do princípio vital, oposta ao deus Marte, símbolo da morte.

Por outro lado, é preciso considerar a consciência “retórica” da escolha de Lucrécio, que, na introdução do poema, põe em cena as figuras divinas da tradição poética e, em particular, uma deusa muito querida pelos romanos como Vênus, a mítica progenitora deles, para tranquilizar e tornar benevolente, atento e dócil o leitor romano desconfiado em relação à mensagem epicurista e à sua teologia, que concebe o mundo dos homens e aquele dos deuses como reciprocamente estranhos.

O “Hino a Vênus”, que se encerra com a dedicatória a Mêmio, servindo de modelo para a obra, insere-se propositadamente na base do tradicional hino prefacial.

Ora agora presta ouvidos disponíveis e um espírito sagaz, desprovido de preocupações, à doutrina verdadeira, para não desperdiçares desdenhosamente a minha dádiva para ti preparada com amorosa dedicação. Vou, de fato, começar a expor-te a derradeira explicação do céu e dos deuses e revelarei os elementos primordiais da matéria a partir dos quais a natureza forma todas as coisas, as faz crescer e as sustenta e em que a natureza as dissolve quando as mesmas são destruídas, a que nós costumamos chamar matéria e corpos geradores, ao explicar a doutrina, e sementes das coisas, e também lhe damos o nome de corpos primordiais, porque é a partir deles que tudo existe (LUCRÉCIO, 2015, p. 21 [DRN, I, 50-59]).

A narração lucreciana apresenta um caráter bem diverso dos poemas épicos tradicionais, visto que, no lugar das narrativas de guerra e dos feitos dos heróis, Lucrécio elege um objetivo didático: expor aos seus concidadãos a natureza do universo e a condição do ser humano, que poderá ser feliz se aprender a reconhecer as próprias condições e aceitar com serenidade os limites do ser mortal. Da *Ilíada* em diante, o poema narrativo se propõe a exprimir os valores fundamentais de uma comunidade. Assim Homero, invocada a Musa, expressou os ideais da sociedade arcaica grega, que procurava buscar a honra, e Ênio, relembrando a história romana

desde as suas origens míticas até os tempos da expansão no Mediterrâneo, havia celebrado os ideais civis e militares da aristocracia republicana, sobretudo dos grupos políticos filo-helênicos aos quais era mais próximo. Lucrécio pretende realizar algo diferente, ainda que dentro das regras fixadas pelo gênero: ele deseja fornecer aos seus leitores um fundamento ético, inspirado na doutrina de Epicuro, através da qual possam orientar-se. Porém, a nova doutrina é introduzida por meio da estrutura preambular tradicional, que prescrevia a invocação à divindade. A passagem para a parte expositiva aparece de outro modo, a saber, com o elogio a Epicuro, o fundador da escola.

Como a vida humana jazesse vilmente prostrada diante dos olhos de todos, esmagada sob o peso da religião, que assomava a cabeça das regiões do céu, ameaçando os mortais com um aspecto horrível, este homem grego foi quem em primeiro lugar ousou erguer contra ela os olhos mortais e quem primeiro ousou fazer-lhe frente. E a este não o demoveram nem o que se dizia dos deuses nem os raios nem o céu com seu bramido ameaçador, mas antes mais estimularam a enérgica coragem do seu espírito, a ponto de desejar ser o primeiro a despedaçar os ferrolhos firmemente fechados das portas da natureza, e assim a vivida força do seu espírito obteve um triunfo completo e ultrapassou em muitos as muralhas flamejantes do nosso mundo, percorreu com a sua inteligência e ardor o universo imenso, de onde nos traz, vitorioso, o conhecimento do que pode e não pode nascer, e por fim por que leis está limitado o poder de cada coisa e os seus marcos fundamente fixados. Por isso a religião é agora, por sua vez, pisada sob os pés dos homens e a vitória eleva-nos aos céus (LUCRÉCIO, 2015, pp. 21-23 [DRN, I, 60-79]).

Lucrécio, dirigindo-se diretamente a Mêmio, pretende, pois, se defender das acusações de impiedade dirigidas frequentemente aos ensinamentos de Epicuro: as críticas à religião não são ímpias. Todavia, a atitude defensiva de Lucrécio é logo seguida por uma reação ofensiva. Agora é ele quem parte para o ataque: “Tenho medo que eventualmente penses que te estás a embrenhar nos princípios de uma

doutrina ímpia e avanças na senda do crime. A este propósito, pelo contrário, aquela religião deu mais vezes origem a atos criminosos e ímpios⁴. Muito mais impiedosos e perversos, afirma o poeta, são os ritos tradicionais que uma falsa religião impôs aos seres humanos, e de modo particular os delitos que foram cometidos em seu nome, como exemplifica bem a narrativa mitológica acerca de Ifigênia.

O episódio mítico do sacrifício de Ifigênia, a filha de Agamenon imolada em conformidade com as profecias do adivinho, é tomado por Lucrécio como exemplo da absurda sujeição dos povos e reis aos grilhões da superstição religiosa, que os faz realizarem as ações mais insanas.

Foi assim que em Áulis o escol dos chefes Dánaos, primícias dos homens, manchou horripelantemente com o sangue de Ifianassa o altar da virgem Trívia. Ao mesmo tempo, foi-lhe colocada uma faixa em volta dos virginais cabelos, e caiu-lhe dos ambos os lados das faces, com igual comprimento, e apercebeu-se ao mesmo tempo de que o pai estava perto, pesaroso, diante dos altares, e que por causa dele os algozes ocultavam o ferro, percebeu que os cidadãos derramavam lágrimas ao vê-la, e punha os joelhos em terra, muda de pavor, e nesta situação não podia servir de nada à infeliz o fato de ter sido a primeira a dar ao rei o nome de pai. Na verdade, erguida pelas mãos dos guerreiros, foi conduzida, trêmula, até junto dos altares, não para que pudesse, cumprindo o usual rito da cerimônia nupcial, mas, impuramente pura, na própria altura em que deveria casar, para ser sacrificada como vítima infeliz imolada por seu pai, para que fosse concedido um sucesso feliz e fausto à armada. A tão grande desgraça foi capaz de levar a religião! (LUCRÉCIO, 2015, p. 23 [DRN, I, 80-101]).

Ifigênia deveria ser sacrificada porque o adivinho Calcante, consultado sobre as causas do mar agitado, que impedia a partida da frota para Troia, havia vaticinado o seguinte: as tempestades mostravam a ira da deusa Ártemis, que, irritada com a morte de um veado sagrado, morto por Agamenon, reclamava uma justa reparação.

O mito conhecia duas versões: na primeira, Ifigênia é morta; na segunda, ao

4 *Ibidem*, p. 23 [DRN, I, 79-83].

contrário, é substituída prodigiosamente por um veado no último momento e transportada à terra dos Táuridas, onde se torna sacerdotisa de Ártemis. Compreende-se bem o porquê de Lucrécio ter seguido a primeira das duas versões, pois necessitava de um forte argumento para denunciar os excessos inspirados por uma adesão cega à religião em sua faceta mais irracional e desoladora: a superstição.

Em seguida, são delineados os princípios da física epicurista, mediante os quais é possível compreender a verdadeira natureza do mundo e dos deuses: nada tem origem no nada e nada se reduz ao nada, mas nascimento e morte são união e separação de pequeníssimas partículas, os átomos⁵. A gradual corrupção de todos os corpos é resultado da separação das partículas. Além da matéria, há o vazio no qual os átomos se movem⁶. Não há outra natureza além dos átomos e do vazio, ambos infinitos⁷. O resto tem valor accidental como o tempo, que não existe de forma absoluta, mas é determinado com base no movimento e no repouso dos corpos⁸. Os átomos, diferentemente dos seus agregados, são eternos, porque não contém vazio⁹.

A última seção é dedicada à refutação de diferentes teses filosóficas: de Heráclito (o fogo como princípio de todas as coisas), a de Empédocles (ar, água, terra e fogo são os quatro elementos fundamentais) e a de Anaxágoras (existem “sementes”, ou partículas elementares, de infinitas substâncias, que, misturadas, formam as coisas). Ainda que refutando as ideias de Empédocles, Lucrécio nos transmite um respeitoso elogio deste poeta-filósofo siciliano de qualidades sobre-humanas e da sua obra poética¹⁰. O livro I se encerra com a majestosa imagem

5 Cf. LUCRÉCIO, 2015, pp. 27, 33 [DRN, I, 155.265-266].

6 Cf. *Ibidem*, p. 35 [DRN, I, 328-330].

7 Cf. *Ibidem*, pp. 39, 41 [DRN, I, 420-422.445-448].

8 Cf. *Ibidem*, p. 41 [DRN, I, 459-463].

9 Cf. *Ibidem*, p. 45 [DRN, I, 516-519].

10 Cf. *Ibidem*, p. 55 [DRN, I, 716-732].

poética da destruição do mundo.

O exórdio do livro II descreve a serenidade espiritual (*ataraxia*) de quem, iluminado pela doutrina de Epicuro, é capaz de compreender a verdadeira natureza das coisas, diferentemente do estado de angústia daqueles que estão perdidos em meio a enganadoras crenças: é uma sensação de prazer tranquilizador quando, estando seguro em terra firme, pode-se observar a luta dos seres humanos contra as forças do mar tempestuoso¹¹. No exórdio, podemos destacar as seguintes ideias:

1) A *ataraxia* (imperturbabilidade) – versos 1-19;

2) A felicidade do espírito – o verdadeiro prazer para Epicuro é a ausência de dor física (aponia) e perturbação da alma (*ataraxia*)¹². Uma ideia que se articula com a distinção entre os desejos – versos 20-61.

3) A exortação à razão, ao conhecimento – a única coisa que pode nos libertar do terror e das trevas do espírito é o estudo da natureza e suas leis¹³ – versos 54-61.

Recusada a ideia de uma providência que governe o cosmos, Lucrécio ilustra o movimento dos astros e a doutrina do *clínamen* (desvio), como fundamento do livre arbítrio¹⁴: os átomos se movem de cima para baixo, e graças ao *clínamen*, isto é, graças à inclinação em relação à vertical, eles se chocam, se encontram e se agregam: a diversidade de suas formas e a multiplicidade das combinações geram a variedade das coisas. Estes infinitos átomos se movimentam em um universo infinito criando infinitos mundos. O livro conclui com a imagem de que todos os mundos estão sujeitos ao ciclo de nascimento e morte.

11 Cf. LUCRÉCIO, 2015, pp. 79, 81 [DRN, II, 1-61].

12 Cf. DIÓGENES LAÉRCIO, *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*, X, 131.

13 Cf. DRN, X, 82.

14 Cf. LUCRÉCIO, 2015, pp. 89, 91 [DRN, II, 215-262].

O elogio a Epicuro, que revelou aos seres humanos a verdade sobre a natureza, afastando dos espíritos os temores e, em particular, o temor dos deuses e o da morte, abre o livro III.¹⁵ O *animus* (espírito) é a sede da sensibilidade e da inteligência, é a parte racional do ser humano, que se localiza no peito¹⁶. A ele é submetida a *anima* (alma), princípio vital, espalhada por todo o corpo, mediante a qual as sensações físicas são percebidas. Ambos apresentam consistência material, mas os átomos que os compõe são qualitativamente diferentes, além de se desagregarem com a morte. Por isso resultam em vão os medos dos homens acerca de um castigo após a morte: não existem os grandes “pecadores” do mito (como Tântalo e Sísifo), punidos no inferno pagão. Os tormentos que se afirmam existir no profundo Aqueronte estão todos, na verdade, em nossa vida¹⁷.

Por conseguinte, a morte não deve ser temida, porque quando ela chega, não existimos mais¹⁸. Não é preciso temer a morte, que diz respeito a todos (reis, generais e o próprio Epicuro). É necessário esforçar-se para compreender a natureza das coisas¹⁹ a fim de entender as razões do próprio mal-estar existencial.

O proêmio do livro IV repropõe, praticamente de forma literal, os versos do livro I, nos quais o poeta proclama a originalidade e os objetivos programáticos da própria obra²⁰; por isso, alguns estudiosos julgaram ser um trecho acrescentado por um primeiro editor ou por um copista tardio, para remediar a falta de um proêmio do autor, mas há a objeção de que o modo de escrever lucreciano é caracterizado pela repetição de inteiras seções de versos, além do fato de que os dois trechos

15 Cf. *Ibidem*, p. 141-143 [DRN, III, 1-30].

16 Cf. *Ibidem*, p. 143 [DRN, III, 32-40].

17 Cf. LUCRÉCIO, 2015, pp. 189-191 [DRN, III, 978-1021].

18 Cf. *Ibidem*, p. 181 [DRN, III, 830-831].

19 Cf. *Ibidem*, p. 1493 [DRN, III, 1072].

20 Cf. *Ibidem*, pp. 65, 67 [DRN, I, 926-951].

apresentam algumas leves variações. Em seguida, Lucrécio passa ao problema do conhecimento, desenvolvendo a teoria dos *simulacros* e analisando-lhe as características e as inteirações com os sentidos. As sensações são provocadas por grupos de átomos sutilíssimos (*simulacra*) que se destacam da superfície dos corpos mantendo-lhe os contornos e que impressionam os nossos sentidos.

Com grande riqueza de imagens são examinados os efeitos produzidos pela ação dos simulacros sobre as faculdades sensitivas (visão, audição, paladar, olfato e tato) e os problemas conexos à percepção, como a natureza do eco, da sombra das visões, a aparente deformação dos objetos vistos à distância ou através da água; quando duas imagens se sobrepõe (por exemplo, ser humano e cavalo), nós percebemos um ser composto inexistente (no caso, um centauro). As percepções não são em si enganadoras; aliás, são antes a única fonte de conhecimento; porém, compete à razão o controle e a correta avaliação dos dados sensoriais.

As sensações físicas (fome, sede) e os fenômenos psíquicos, como os sonhos, são também submetidos à análise; justamente a seção dedicada aos sonhos, em particular aqueles causados pelos impulsos sexuais, serve de conexão com a abordagem da fisiologia e da psicologia do amor. Lucrécio não condena o amor em si, enquanto instinto natural e físico, mas sim as paixões amorosas que geram no homem a dependência e tormentos pela ânsia de unir-se ao outro: com tom caricatural, o poeta ironiza todos quantos, presos nas redes do amor, adoram a mulher pela qual estão enamorados, considerando-a como única no mundo e a única razão da vida. A libido (o sexo), assim como a fome e a sede, é de fato desejo natural e necessário; a cupido (Vênus – a paixão), é, ao contrário, condenado enquanto ilusório, instável e insaciável. Com o enamorar-se, com a procura de compenetrar-se e estreitar-se com a amada, entram em cena males de todo gênero: a amargura, a

úlceras, a raiva, a angústia dilacerante. A paixão é cruel, é contra a natureza: “quanto mais temos, tanto mais arde o coração de cruel desejo”²¹.

O livro V começa com um novo elogio da excelsa grandeza de Epicuro, a quem a humanidade é devedora da sabedoria, mais preciosa que os vinhos e os cereais, doados por Baco e Ceres²². O cosmo nasceu do caos inicial e não é obra providencial dos deuses: ressoa aqui uma polêmica filosófica contra aqueles, em particular os estoicos, que consideravam o cosmos como regulado por uma intrínseca racionalidade “divina”. Tal visão antropocêntrica é refutada não apenas sobre o plano filosófico, mas também sobre aquele empírico, com a menção de uma série de hostilidades naturais: a inospitalidade da terra, a ferocidade dos animais, as dificuldades do neonato quando vem ao mundo.

A ênfase sobre a crueldade da natureza e sobre a triste condição do ser humano parece denunciar um pessimismo de fundo da parte do poeta; todavia, se observarmos bem, quando ele mostra ao homem sua amarga condição de vida, na verdade ele deseja proporcionar um estímulo ao homem para buscar em si mesmo e na própria razão o dom maior da natureza, o caminho da salvação.

O livro V também aborda problemas de tipo astronômico: as reais dimensões do sol (que é como nós o vemos), as estações e os eclipses. Da Terra, por geração espontânea, nasceram a um tempo todos os viventes, inclusive os seres humanos; das origens, o progresso do gênero humano ocorreu por graus: o lar, a família, a linguagem²³, a cidade, o direito, como remédio aos instintos ferozes, são as etapas que assinalaram o lento e gradual caminho de civilização²⁴. A ignorância leva à

21 LUCRÉCIO, 2015, p. 253 [DRN, IV, 1089-1090].

22 Cf. *Ibidem*, p. 267 [DRN, V, 1-20].

23 Cf. *Ibidem*, p. 317 [DRN, V, 1029].

24 Cf. *Ibidem*, p. 339 [DRN, V, 1448-1453].

superstição e ao temor, enquanto a verdadeira *pietas* consiste em submeter cada coisa à serena reflexão²⁵.

Um dos momentos mais significativos da obra de Lucrécio é a abordagem acerca das origens da civilização e do progresso humano, a partir dos tempos nos quais os homens viviam como animais e se abrigavam nas cavernas, passando progressivamente a organizar sua vida social. Um dos grandes temas da especulação dos filósofos gregos da natureza, de Demócrito a Anaxágoras, com ecos no *Prometeu acorrentado* de Ésquilo, é a doutrina do progresso, que atribui ao ser humano a conquista do próprio destino, e reivindica o lugar até então ocupado pela ideia de história como decadência (as raças humanas que passam da idade do ouro a do ferro, como em Hesíodo) ou como repetição cíclica dos grandes eventos²⁶.

Lucrécio inicia o sexto e último livro com a exaltação da glória de Atenas, pátria mítica da agricultura, das leis, mas sobretudo de Epicuro, que tornou os homens livres com a verdade.

Atenas, de ilustre nome, foi a primeira a distribuir, outrora, as sementes produtoras do trigo aos míseros mortais, a dar uma nova forma à vida, a promulgar leis; a primeira que à existência proporcionou doces consolos, quando gerou um varão que com tão aguda inteligência se apresentava, de cuja boca verdadeira brotou toda a sabedoria e cuja glória, já divulgada nos tempos antigos, se elevou até os céus, mesmo depois de morto, devido às suas divinas descobertas (LUCRÉCIO, 2015, p. 343 [DRN, VI, 1-8]).

O tema do livro VI é a exposição da “meteorologia”, ou seja, a explicação racional dos fenômenos naturais do céu (trovões, relâmpagos, tempestades, arco-íris, nuvens, chuva) e terrestres (terremotos, erupções vulcânicas, as cheias do Nilo, o

25 Cf. *Ibidem*, p. 327 [DRN, V, 1204].

26 Cf. LUCRÉCIO, 2015, p. 313-319 [DRN, V, 924-1058].

poder do magnetismo), que por apresentarem um aspecto ameaçador, provocam no ser humano um medo supersticioso como, por exemplo, o raio, comumente considerado expressão da vontade divina, mas que na verdade atinge também as estátuas dos deuses.

Por fim, por que razão derruba com um raio hostil os sagrados santuários dos deuses e as suas preclaras moradas?! Porque quebra as bem trabalhadas estátuas dos deuses e priva de culto as suas imagens, ao destruí-las com um violento golpe? Porque é que atinge com frequência os lugares elevados, e é no alto das montanhas que vemos a maior parte dos vestígios do seu fogo? (LUCRÉCIO, 2015, p. 397 [DRN, VI, 1090-1092]).

A passagem à explicação da causa das epidemias no texto se faz de modo muito brusco: “Agora explicarei qual é a causa das doenças e de onde é que surge subitamente uma força mórbida, capaz de suscitar um flagelo mortífero para a raça humana e para os animais em catervas”²⁷. A relação com tudo aquilo que fora apresentado anteriormente no texto talvez seja possível porque se trata de movimento de ar e de átomos (causas atmosféricas).

Para começar, ensinei acima que há átomos de muitas coisas que são para nós fonte de vida, e, por outro lado, é necessário que também volitem muitos átomos que são causa de doença e morte. Quando por acaso estes se juntam e infectam o céu, o ar torna-se doentio. E toda esta força de doenças e pestilência ou vem de cima, de regiões exteriores, através do céu, como as nuvens e as neblinas, ou então, como frequentemente acontece, reúne-se e emerge da terra, quando o solo úmido entra em putrefação, ao ser atingido pelas chuvas intempestivas e pelos calores do sol. (*Ibidem* [DRN, VI, 1093-1104]).

27 *Ibidem*, P. 397 [DRN, VI, 1090-1092].

O fluxo de germes letais introduz o dramático final do poema, a saber, a descrição da Peste de Atenas²⁸ (VI, 1138-1286) ocorrida no período de 430-429 a.C. Para reconstruir o cenário de doença e de morte, Lucrécio se inspira na narração da peste feita pelo historiador grego Tucídides em *A Guerra do Peloponeso II*, 47-53.²⁹

Lucrécio dedica um número considerável de versos à sintomatologia da Peste,³⁰ resultando com isso uma descrição mais detalhada da enfermidade.³¹ Inicialmente ele enumera os principais efeitos da doença sobre os seres humanos, em um período prévio ao efetivo processo de morte: a cabeça arde de calor, os olhos ficam avermelhados e com um brilho estranho: “A princípio, tinham a cabeça a arder em febre e os dois olhos avermelhados com um brilho difuso”³². Hemorragias e feridas se manifestam na garganta e na língua: “As gargantas, enegrecidas, por dentro, ressumavam sangue, e o canal da voz entupia-se, obstruído por feridas. A intérprete do espírito, a língua, emanava sangue, debilitada pelo mal, com um movimento entorpecido e áspera ao tato.”³³ A força mórbida desce pela garganta e enche o peito: “Depois, quando a força da doença, entrando pelas goelas, tinha preenchido todo o peito, e confluíra no próprio coração dos doentes, então é que

28 Cf. *Ibidem*, p. 399-405 [DRN, VI, 1138-1286].

29 Lucrécio se esforça para transpor o relato “objetivo” de Tucídides acerca da Peste de Atenas, mais atento aos particulares históricos, geográficos, físicos e clínicos, para um plano “psicológico”, marcado mais por elementos emotivos e dramáticos.

30 Conforme Rezende (2009), no passado muitas epidemias foram genericamente rotuladas de “peste”, embora muitas delas não tenham sido causadas pelo bacilo da peste (*Yersinia pestis*) e fossem, provavelmente, epidemias de varíola, tifo exantemático, cólera, malária ou febre tifoide.

31 Ainda de acordo com Rezende (2009), em 2006, o infectologista grego Manolis Papagrigorakis, examinando a polpa dentária de esqueletos exumados de um antigo cemitério de Atenas da época da epidemia, detectou, pela técnica da amplificação do DNA, a sequência genômica da *Salmonella enterica serovar typhi*, tendo sido negativas as pesquisas para os agentes da peste, tifo, antraz, tuberculose, varíola e bartonelose.

32 LUCRÉCIO, 2015, p. 399 [DRN, VI, 1045-1046].

33 *Ibidem* [DRN, VI, 1047-1050].

desabavam todos os redutos da vida.”³⁴ Da boca um cheiro horrível se exala, agravando-se o quadro e produzindo-se, com forte angústia, queixas misturadas com gemidos:

A respiração trazia consigo, ao sair da boca, um cheiro fétido, semelhante ao que exalam os cadáveres putrefatos abandonados, e então enfraqueciam as forças do ânimo, enfraquecia o corpo todo, já mesmo à beira da morte. E coisa mais intolerável ainda que os males era a opressiva angústia que nunca os largava, e os lamentos misturados aos gemidos. (LUCRÉCIO, 2015, p. 399 [DRN, VI, 1054-1059]).

Incessantes soluços acabam por abalar os nervos e oprimir os membros já tão cansados: “Um soluçar frequente sacudia-lhe os nervos, de dia e de noite, a toda a hora, e os seus espasmos desfaziam-lhe os membros, esgotando por completo doentes que já estavam exaustos.”³⁵

Na sequência do relato, Lucrécio acena para muitos outros sinais de morte: o espírito fica perturbado de tristeza e medo, o sobrolho carregado, a fisionomia furiosa e dura, os ouvidos cheios de ruídos, respiração ora acelerada, ora profunda e lenta, suores na região do colo e emissão de uma secreção amarelada pelas vias respiratórias.

Além disso, eram dados muitos outros sinais de morte: uma mente perturbada, mergulhada em tristeza e medo, um sobrolho franzido, um rosto desvairado e agressivo, ouvidos também perturbados e cheios de sons, uma respiração anelante ou então grandes haustos de respiração que surgiam em intervalos, um suor reluzente que lhes encharcava o pescoço, tênues expectorações, diminutas, salgadas e manchadas por uma cor amarelada, a custo saídas das goelas com uma tosse roufenha. Nas mãos contraíam-se os nervos, os membros tremiam. Partindo dos pés, o frio ia subindo sem cessar, pouco a pouco. (*Ibidem*, p. 401 [DRN, VI, 1181-1191]).

34 *Ibidem* [DRN, VI, 1051-1053].

35 *Ibidem*, p. 399 [DRN, VI, 1060-1062].

Em seguida, o poeta interrompe brevemente a sua narrativa acerca dos sintomas da Peste para tratar da chegada da morte por volta do oitavo ou nono dia.

Por fim, nos últimos momentos, as narinas apertadas, a ponta do nariz afilada, os olhos encovados, as têmporas cavas, a pele fria e dura, a boca aberta e caída; a fronte sempre tensa. E não muito depois o corpo jazia na rigidez da morte. Aproximadamente ao oitavo dia de luz candente do Sol ou então no nono dia, perdiam a vida. (*Ibidem* [DRN, VI, 1092-1097]).

Aqueles que se julgam felizes por terem escapado da morte na fase evolutiva anterior da doença são acometidos depois com a abertura de chagas sobre a pele, defluxos intestinais e perda de sangue pelas narinas:

Se alguns destes, como acontecia, tinha escapado à morte, esperavam-no depois o definhamento e a morte, com feridas horríveis e um fluxo negro do ventre; ou então um corrimento abundante de sangue putrefato, acompanhado de frequentes dores de cabeça, saía das narinas repletas: para aqui fluíam todas as forças e substância do indivíduo. (LUCRÉCIO, 2015, p. 401 [DRN, VI, 1092-1097]).

Por fim, o poeta apresenta o que nos parecem corresponder aos últimos efeitos da Peste sobre os doentes: a enfermidade ataca os nervos e os membros, e as próprias partes genitais do corpo; o temor diante do limiar da morte leva a mutilações de membros, perde-se a luz dos olhos e advém o completo esquecimento de todas as coisas, até de si, por aqueles em fase terminal:

E aquele que escapara àquele corrimento acre de sangue podre, a doença atacava-lhe os nervos e as articulações, e até as próprias partes genitais do corpo. E alguns, receando gravemente os limiares da morte, sobreviviam privando-se das partes viris com o ferro; outros, por seu lado, permaneciam

vivos sem pés nem mãos, outros ainda arrancavam os olhos, a tal ponto se apoderara deles o violento temor da morte. E a alguns os tomou até o esquecimento de tudo, a ponto de não se reconhecerem a si mesmos. (*Ibidem*, pp. 401, 403 [DRN, VI, 1204-1214]).

É importante observar que a inserção de tão terrível narrativa ao fim da obra, cuja leitura deveria, a princípio, contribuir para a libertação e apaziguamento das dores e medos da humanidade, justifica-se pela razão “pedagógica” de ter o poeta desejado oferecer a seus leitores uma espécie de visão do “inferno” epicurista, no qual, por certo, jamais desejariam viver.

Embora os atenienses não pudessem evitar os sofrimentos físicos da Peste na ocasião descrita pelo poeta, dada a difusão do contágio sobre todos, decerto, instruídos nos ensinamentos de Epicuro, eles saberiam aceitar tal destino de padecimento e morte ao menos entendendo que os males humanos não correspondem a castigos de deuses irados, e que morrer não significa, em si, um sofrimento.

Referências

DIÔGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1977.

GALE, M. R. *Lucretius and the didactic poetry*. Londres: Bristol Classical Press, 2003.

GALE, M. R. (Coord.). *Oxford Readings in Classical Studies: Lucretius*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GILLESPIE, S. & HARDIE, P. (Coords.). *The Cambridge Companion to Lucretius*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

JEROME OF STRIDON. *Chronicle*. Ipswich: s/ed., 2005. Disponível em: <http://www.tertullian.org/fathers/jerome_chronicle_06_latin_part2.htm>. Acesso em: 06 de out. 2019.

LUCRÉCIO. *Da natureza*. Tradução de Agostinho da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1988 (Coleção Os Pensadores).

LUCRÉCIO. *Da Natureza das Coisas*. Tradução de Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa: Relógio D'Água, 2015.

REZENDE, J. M. de. As Grandes Epidemias da História. In: *À Sombra do Plátano: Crônicas de História da Medicina*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009, pp. 73-82.

SEDLEY, D. *Lucretius and The Transformation of Greek Wisdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TREVIZAM, M. *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrécio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UNB, 1999.